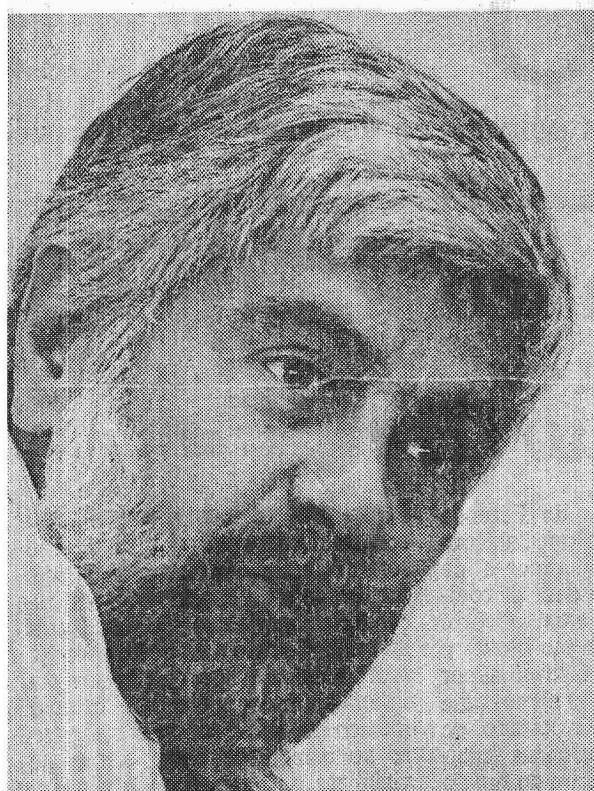
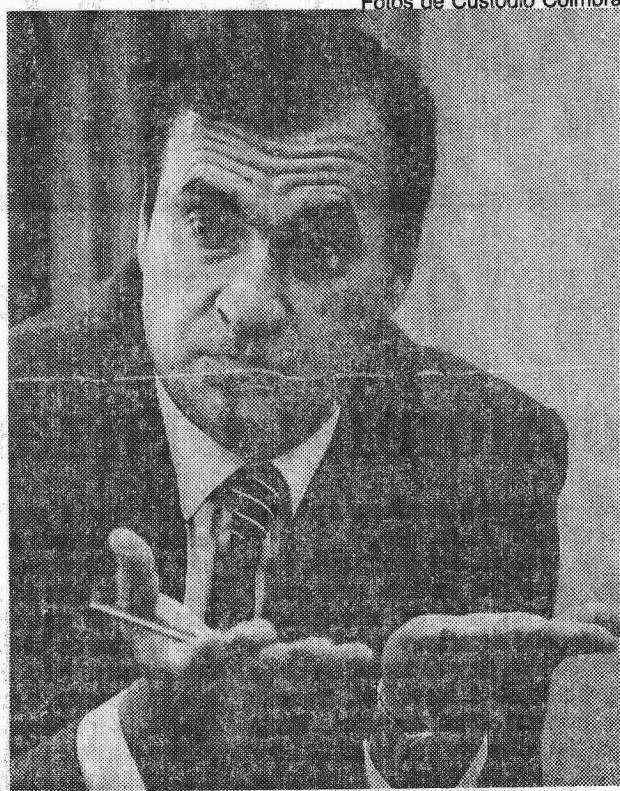


Balanço mensal



Edmar Bacha



César Maia

Fotos de Custódio Coimbra

“Com a crise o Executivo se debilita e não tem a autoridade para tomar decisões”

(Cesar Maia)

Insistência no congelamento pode desmontar a economia

Mario Henrique Simonsen — Para o governo é certamente indigesto assumir a erros do programa de estabilização, mas o que ainda é desmontar todo o funcionamento da economia. Realinhamento gradual é tão eficiente quanto uma maxidesvalorização ambiental anunciada antecipadamente, porque os produtos a serem realinhados desaparecem o mercado, gerando o colapso do abastecimento. O recongelamento dificilmente conseguia o requisito mínimo para seu sucesso, que é a credibilidade. Quanto à administração e preços para manter a inflação em 200% ao ano, o Cruzado I provou, primeiro, como é difícil administrar preços por muito tempo e, segundo, que não há programa de estabilização que dispense o controle da demanda, assunto do qual não se fala na Nova República.

Paul Singer — A questão de preços ainda está em aberto. O governo segurou ao máximo os reajustes até que o desabastecimento gudo agravou-se nos últimos meses. Mas ao conceder reajustes de 25% a 30% aos produtos sob controle do CIP ouviu dos empresários que eles precisariam de aumentos de 70%. Como são setores estratégicos (bens industriais e matérias-primas), que conseguiram celerar o realinhamento que seria gradativo através da retenção dos estoques, e eles poderão manter a mesma atitude garantindo novos aumentos. Na verdade, estamos assistindo a uma tentativa de desfazer a distribuição de renda operada pelo Cruzado, que foi em parte a transferência de lucratividade dos

setores empresariais mais concentrados e que não puderam fugir do congelamento para as áreas menos concentradas e que violaram a lei. A população, por sua vez, não está disposta a voltar a uma situação pré-Cruzado em termos de renda real.

“O desabastecimento vai piorar ainda mais. Produtos e serviços inteiros vão sair do mercado”.

Rogério Werneck — Até aqui eu noto um grau de otimismo do qual não compartilho. Se nada for feita, 200% ao ano parece uma inflação muito pequena. A economia marcha rapidamente para uma hiperinflação misturada com recessão e desabastecimento. O empresário privado não investe porque não consegue sequer estabelecer previsão mínima sobre a evolução de custos e insumos. O governo preocupa-se em prender os investimentos dentro da idéia de reduzir o gasto público. O efeito de uma redução do salário real, uma queda da demanda global e do impacto do Imposto de Renda da Pessoa Física será uma pancada enorme rumo à recessão.

Paul Singer — Mas por que o desabastecimento vai se agravar?

Rogério Werneck — Como a reindexação da economia e o disparo do gatilho vão levar a uma inflação, no segundo trimestre, acima do patamar dos três primeiros meses do ano, o governo vai tentar controlar os preços. Aí vai surgir um desabastecimento extremamente grave, porque não será mais uma diferença entre a oferta e demanda, mas o desaparecimento de produtos e serviços inteiros do mercado. Acontece que com uma inflação de 2% a 3% ao mês pequenos erros na fixação de preços em relação à evolução dos custos cria-se uma situação complicada, mas suportável. Porém, com 20% ao mês de inflação se a empresa errar o preço o produto some do mercado, porque não será possível suportar a defasagem.

Paul Singer — Esses erros são prováveis?

Rogério Werneck — Muito prováveis, porque o CIP não tem condições de controlar preços com conhecimento sólido da estrutura de custos.

Mário Henrique Simonsen — Realmente, o CIP tem uma máquina com capacidade para controlar um número muito limitado de produtos. Quanto mais produtos estiverem no CIP menos eficiente se torna o órgão.

Paul Singer — Talvez o problema mais grave do CIP seja a morosidade.

César Maia — Eu já trabalhei em uma empresa privada e quando o preço entrava no CIP rolava um pouco, dilatando os prazos do reajuste.